

UM ESTUDO QUALITATIVO SOBRE ORIENTAÇÃO VOCACIONAL E PROFISSIONAL: DIREÇÕES POSSÍVEIS, DESAFIOS NECESSÁRIOS

QUALITATIVE STUDY ON VOCATIONAL AND PROFESSIONAL ORIENTATION: POSSIBLE DIRECTIONS, NECESSARY CHALLENGES

Ana Claudia Semensato¹
Camilla Valeria¹
Carla Bender¹
Cíntia Camargo²
Débora Mata¹
Ediane de Oliveira Silva¹
Juliana Antoniasse²
Raquel Cervinhane¹
Silverlane Furtuoso¹
Thaimilly Tavares¹
Maria Adelaide Pessini³

SEMENSATO, A. C.; VALERIA, C.; BENDER, C.; CAMARGO, C.; MATA, D.; SILVA, E. O.; ANTONIASSE, J.; CERVINHANE, R.; FURTUOSO, S.; TAVARES, T.; PESSINI, M. A. Um estudo qualitativo sobre orientação vocacional e profissional: direções possíveis, desafios necessários. **Akrópolis**, Umuarama, v. 17, n. 1, p. 29-40, jan./mar. 2009.

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo compreender o processo da escolha profissional vivenciado pelos adolescentes. Participaram da pesquisa vinte adolescentes que cursavam o 3º ano do ensino médio e/ou pré-vestibulandos de escolas da rede pública e privada. Utilizou-se como instrumento para coleta de dados a entrevista semi-dirigida e, para análise, a metodologia de Bardin (Análise de Conteúdo). Na análise emergiram 3 categorias: fatores que levam à orientação vocacional e profissional, quais as expectativas da orientação vocacional profissional e as contribuições da orientação vocacional profissional. Os dados obtidos revelam os fatores que interferem: dúvida, indecisão, falta de informação, insegurança, medo, imaturidade e a representação sócio-econômica da profissão, revelando suas preocupações com a realidade, tentando fazer a escolha mais conveniente para o momento.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescentes; Escolha; Orientação vocacional.

ABSTRACT: This study aims to understand the process of professional choice experienced by adolescents. Twenty adolescents from the senior high school year and/or university entrance admission test preparation courses from both public and private schools took part in the survey. A semi-directed interview was conducted for data collection and Bardin methodology (Content Analysis) was used for the analysis. Three categories arose from the analysis: factors leading to career guidance and training, which expectations regarding professional career guidance are, and the contributions of professional career guidance. Data obtained revealed the interfering factors: doubt, indecision, lack of information, insecurity, fear, immaturity and the profession socioeconomic status, thus revealing their concerns with respect to reality, trying to make the most suitable choice for the moment.

KEYWORDS: Adolescents; Choice; Career guidance.

¹ Acadêmicas do 3º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR – Umuarama Pr

² Acadêmicas do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR – Umuarama Pr

³ Mestre em Psicologia Social e da Personalidade PUC-RS. Docente da Universidade Paranaense-UNIPAR – Umuarama Pr

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa sobre a Adolescência e a Escolha Profissional busca estudar e compreender o processo de escolha e decisão profissional através de uma investigação sobre o que influencia o adolescente em seu processo de escolha profissional, e quais as dificuldades encontradas por ele no decorrer do processo.

A fase da adolescência já é marcada por diversas transformações, e o processo de escolha de uma carreira a seguir é marcado por muitas incertezas, indecisões na profissão a decidir. O adolescente pode encontrar essas dificuldades, numa vez que a decisão implica uma escolha para definir o seu futuro, sendo mais uma etapa a ser vencida na passagem da adolescência para a vida adulta.

A escolha profissional está diretamente ligada à realização da felicidade do indivíduo, que encontrará na escolha certa a satisfação pessoal, num contexto social de suas relações sociais, através das quais que o homem sobrevive e se constrói.

Nessa pesquisa também serão abordadas a importância e a colaboração que a orientação profissional pode oferecer ao adolescente, para que este tenha uma escolha madura e consciente.

Fundamentação teórica

A Orientação Profissional (O. P.) nasceu como uma prática cujos objetivos estavam diretamente ligados ao aumento da eficiência industrial. Tem suas origens situadas na Europa, no início do século XX, com a criação do Centro de Orientação Profissional de Munique, no ano de 1902. O objetivo era o de detectar, na indústria florescente, trabalhadores inaptos para a realização de determinadas tarefas e, assim, evitar acidentes de trabalho.

O marco oficial de início se situa entre os anos de 1907 e 1909, com a criação do primeiro Centro de Orientação Profissional norte-americano, sob a responsabilidade de Frank Parsons, que teve o grande mérito de acrescentar à orientação Profissional idéias da Psicologia e da Pedagogia e a preocupação com a escolha profissional dos jovens de seu país. Desta forma, a O. P. passou a basear-se na promoção do autoconhecimento e no fornecimento de informação profissional.

Nas décadas de 1920 e 1930, a Psicologia Diferencial e a Psicometria passaram a influenciar fortemente a prática da O. P., o que se deu devido ao grande desenvolvimento dos testes de inteligência, aptidões, habilidades, interesses e personalidade durante as Primeira e Segunda Guerras Mundiais. O

orientador fazia diagnósticos e prognósticos do orientado, na intenção de indicar ao mesmo profissões ou ocupações apropriadas – Teoria do Traço e Fator.

Importantes mudanças começaram a ocorrer a partir da década de 1940. Em 1942, Carl Rogers, com suas bases de terapia centrada no cliente. A partir de 1950, começaram a surgir diversas teorias. A primeira é Teoria do Desenvolvimento Vocacional. De acordo com essa teoria, a escolha profissional não é um acontecimento específico que ocorre num momento determinado da vida, mas é um processo evolutivo que ocorre entre os últimos anos da infância e os primeiros anos da idade adulta.

Décadas de 50 e 60: Teorias Psicodinâmicas da escolha profissional e Teorias de Tomada de Decisão, mais preocupadas com o momento da escolha do que com o processo em si.

No Brasil, a O. P. tem como marco de origem a criação, em 1924, do Serviço de Seleção e Orientação Profissional para os alunos do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. A O. P. brasileira nasceu ligada à Psicologia Aplicada que vinha desenvolvendo-se no país na década de 1920.

Desde o seu nascimento, na década de 1920, a O. P. brasileira pautou-se pelo modelo da Teoria do Traço e Fator, isto é; pelas idéias de que o processo de O. P. é diretivo e o papel do orientador profissional é o de fazer diagnósticos, prognósticos e indicações das ocupações certas para cada indivíduo - o que foi feito, desde o início, com base na Psicologia Aplicada, especialmente na Psicometria.

A O. P. brasileira, realizada por psicólogos, foi influenciada diretamente pela Psicanálise e, especialmente, pela Estratégia Clínica de Orientação Vocacional do psicólogo argentino Rodolfo Bohoslavsky, introduzida no Brasil na década de 1970 por Maria Margarida de Carvalho. A entrevista clínica aparece como o principal instrumento durante o processo de orientação e a primeira entrevista tem por objetivo alcançar o diagnóstico de orientabilidade, que permitirá a realização de um prognóstico de orientabilidade e a definição de estratégias de trabalho. Bohoslavsky aceita a utilização de testes para a realização do diagnóstico, contanto que sejam utilizados apenas em seu caráter instrumental.

O ambiente é tão importante quanto o indivíduo, no processo de escolha profissional. O objetivo da O. P. é o de prover o orientando de habilidades pessoais que lhe permitam enfrentar as demandas ambientais no momento de transição entre a escolha e o mundo do trabalho; é a promoção de comportamentos adaptativos.

É preciso que os profissionais da O. P. não esqueçam que a escolha de uma profissão, bem

como a dúvida e a indecisão, fazem parte do desenvolvimento normal dos indivíduos e que o papel do orientador profissional é o de servir como instrumento para este desenvolvimento.

A educação profissional se caracteriza por ser um processo de aprendizagem sistemático, realizado geralmente em grupos que seguem uma prática pedagógica para executar as metas definidas de aprendizagem.

Ouvimos falar em Orientação Profissional e Orientação Vocacional, existe diferença entre uma e outra? Qual? Levenfus (apud VASCONCELOS, 2004) nos responde que sim e reside no foco de atuação das orientações, pois a primeira se limita a informar o orientando sobre as profissões e mercado de trabalho, através das técnicas de aprendizagem, não enfatizando, portanto, questões intrapsíquicas. A segunda, apesar de informar a respeito das profissões, centra-se, principalmente, em auxiliar o orientando a conhecer suas características pessoais, familiares e sociais, para que, desse modo, haja um encontro de suas afinidades com as peculiaridades de determinada profissão.

A informação é um dos principais temas de uma escolha profissional, pois é influenciada pela percepção que o orientando tem de si e do ambiente. Este último se encaixa nas influências que, se forem conscientes, podem ser construtivas e se agrega aos desejos e valores do adolescente, bem como ao seu autoconceito, isto é, a forma como este vê seus atributos, características e a satisfação de realizar determinada ocupação (LEVENFUS, 2002).

Com essa O. P. as habilidades da vida são relacionadas com as habilidades profissionais, tendo as seguintes metas de aprendizagem: alcançar objetivos cognitivos, como a informação das facilidades de formação e das oportunidades de emprego; desenvolver autoconhecimento; transmitir e aplicar conhecimento de profissão e esquemas de formação de acordo com os próprios interesses e preferências; pensar sobre a experiência prática; desenvolver habilidades para explorar, decidir, planejar e mobilizar recursos disponíveis.

Situando a orientação vocacional no nosso contexto histórico, no Brasil o trabalho de orientação vocacional como uma metodologia com abordagem psicopedagógica teve início na década de 70 e voltava-se essencialmente para o atendimento ao adolescente, com a finalidade de apoiá-los em seu processo de escolha profissional. No trabalho de orientação vocacional realizado até então, utilizavam-se recursos psicométricos e técnicas vigentes no cenário da época.

Houve, então, uma necessidade de reformu-

lar o trabalho em orientação vocacional, levando à realização de estudos e pesquisas quanto à problemática da orientação vocacional. Nessa busca por novas compreensões sobre o processo de escolha profissional, um grupo de profissionais das áreas da psicologia e da educação organizou um ciclo de estudos, a partir de uma estratégia clínica, coordenado pelo psicólogo argentino Rodolfo Boholavsky, em 1976, no Rio de Janeiro. Os estudos desenvolvidos resultaram em um projeto de Orientação Vocacional elaborado pela equipe que atuava no Serviço de Orientação Educacional do Colégio Brasileiro de Almeida (RJ). Intensificou-se o trabalho junto às escolas, ampliando-se para o atendimento a jovens universitários para reavaliação da escolha dos cursos superiores. Estendeu-se posteriormente a adultos em momento diversos de tomada de decisão e, ainda, ao acompanhamento de carreiras, em diferentes contextos profissionais e ocupacionais (HISSA PINHEIRO, 1997 apud LEVENFUS).

De acordo com os referenciais teóricos, pode-se analisar que o desenvolvimento de projetos de Orientação Profissional no Brasil se assemelha ao da França, por buscarem alternativas contextualizadas, atendendo às necessidades da época, e não mais reproduzir os referenciais teóricos e metodológicos padronizados e tradicionais.

Segundo Lucchiari (1993), o momento de escolher uma profissão geralmente coincide com a fase de desenvolvimento, em que o jovem está se descobrindo novamente. Está definindo sua identidade: quem quer ser e quem não quer ser. É na adolescência que começam a aparecer os primeiros confrontos com a família. As expectativas e desejos desta vão aparecendo mais claramente e o jovem fica confuso, e não consegue diferenciá-los dos seus próprios. Já para Moura (2001), o momento de escolha de uma profissão é de muito conflito para o adolescente, pois se agrupam aí outras dificuldades próprias da adolescência, como administrar a perda do corpo infantil, e assumir novos papéis sociais.

De acordo com a autora supracitada, quando quem decide é um adolescente, essa escolha gera mais conflitos, em função não apenas das dificuldades próprias desta fase, mas também pelas implicações que a decisão presente pode acarretar no futuro. Para a mesma autora, olhando por esta perspectiva, ninguém está preparado para este momento. Os pais muitas vezes não sabem como ajudar seus filhos. Alguns fazem imposições, outros deixam o adolescente livre. Por outro lado, às vezes a escola tenta fornecer informações, mas não ajuda o adolescente a vencer as etapas no processo de decisão. Por fim, o adolescente acaba cedendo às

exigências, ou segue modismos na sua escolha, não conseguindo tomar uma decisão baseada na análise de suas potencialidades, e possibilidades frente ao conhecimento das profissões.

A autora Lucchiari (1993) faz a seguinte indagação: como que um jovem que passa por um período crítico em seu desenvolvimento, a adolescência, ainda consegue escolher? Para a autora, ele faz a escolha possível no momento, sem ter muita consciência das influências que sofre e, principalmente sem ter informações suficientes sobre a profissão que está escolhendo. Uma escolha nunca é casual, mas multi e sobredeterminada por inúmeros fatores e contingências. Na verdade, a liberdade de escolha é relativa. O orientador profissional pode ajudar de fato o adolescente a escolher e tomar uma decisão, dando, de certa forma, maiores garantias, e satisfação e sucesso para a sua escolha.

Para Colognese (2000), se a escolha estiver pautada nos sentimentos verdadeiros do adolescente, poderá ser mais consistente, fazendo com que ele não se decepcione facilmente com as flutuações da sociedade. Segundo Lassance apud Vasconcelos (2004), a preocupação com a escolha profissional não é somente do jovem, mas também dos adultos: pais, instituições e todos profissionais envolvidos nessa prática. A escolha profissional é um evento muito importante na vida das pessoas. Quando um indivíduo escolhe um curso superior, está escolhendo sua provável profissão, está projetando um estilo de vida e prevendo papéis sociais e profissionais. Acima de tudo, essa escolha, que não tem o compromisso de ser definitiva, deve ser um ato de liberdade. Ainda para o mesmo autor, a liberdade para realizar uma escolha profissional está relacionada com o menor ou maior grau de conhecimento sobre os fatores que a determinam.

Para Colognese (2000), o jovem é livre para fazer sua escolha e a O. P. não se restringe a um conjunto de técnicas, mas é um processo no qual o orientando e o orientador percorrem um trajeto para possibilitar a criação de um projeto pessoal para o futuro, muitas vezes dificultado pelo deslocamento dos ideais infantis. Sendo assim, o objetivo de uma O. P. é proporcionar aos jovens a capacidade de julgar e fazer suas próprias opções, facilitadas pelo autoconhecimento tomando uma decisão mais autônoma, realista e comprometida com o futuro. O orientador deve, então, estar sempre atento e jamais banalizar os valores que o orientando dá aos diversos aspectos de sua vida. Deve indagar seu interior, pesquisar seus sonhos, procurar perceber o que está enraizado em sua vida e sua história, diferenciando o que pode ser considerado novo ou apenas passageiro.

Segundo Levenfus (2002), dentro da O. P. existem temas fundamentais que precisam ser considerados, tais como: gostos, dúvidas, decisões, escolhas, interferência financeira, universidade, mercado de trabalho, informações, influência, autoconhecimento, identificação e vestibular. Quanto ao gosto, este se refere aos gostos em termos de ocupação, indo de encontro a seus interesses e preferências, eliminando as profissões de que não gosta; quanto à dúvida, temos que esta é inerente à condição humana, sendo ainda um sinal de maturidade, pois o ego já consegue suportar o sentimento de ambivalência frente ao objeto. A decisão, um outro tema muito importante em uma O. P., configura-se como o momento em que o jovem não consolidou sua escolha e por isso, experimenta assumir determinados papéis, até como uma forma de confirmar sua escolha e sair do estado de ambivalência. Este momento pode estar intimamente ligado ao momento de escolha, o qual pressupõe uma capacidade de adaptação, interpretação e juízo da realidade, de discriminação, hierarquização dos objetos e de tolerar a ambivalência.

De acordo com a autora supracitada, a posição socio-econômica da família, influencia diretamente no desenvolvimento vocacional do jovem – interferência familiar – no sentido de oferecer maiores ou menores oportunidades educacionais. Arelada a isso temos a universidade, cuja entrada confere um caráter evolutivo para o adolescente, que se insere na representação social de adulto, exigindo uma inserção no mercado de trabalho, que, por sua vez, demanda inovação, criatividade e ação coletiva.

Segundo Bernhard Jenschke apud Levenfus (2002), desde que os programas de educação profissional foram sendo introduzidos nas escolas, sempre houve o interesse pelos resultados desses programas, levando-se em conta os esperados efeitos no desenvolvimento pessoal e profissional dos estudantes para um melhor conhecimento e uma melhor compreensão das atividades profissionais, um comportamento profissional adequado, o progresso na maturidade, a motivação dos estudantes para o planejamento de carreira, a prontidão no processo de tomada de decisão profissional, bem como um melhor uso das ofertas de um serviço de orientação profissional, no sentido de se sentir preparado para uma entrevista individual.

Bohoslavsky (1977/1998) apud Silva e Soares (2001), cita que a intervenção da O. P. pode ser útil na elaboração dos conflitos vivenciados pelos jovens, quando estes passam pelo angustiante momento da escolha profissional, através de uma abordagem clínica. Estudos franceses, segundo (Husteau (2001) apud Levenfus (2002), mostram resultados

positivos advindos dos programas de Educação Profissional. Os estudantes adquirem informações sobre empregos de maneira positiva, precisa e diferenciada, a auto-representação dos estudantes é mais diversificada, os estudantes participantes ficam mais atentos aos fatores favoráveis para atingir suas metas e fazem escolhas profissionais mais fundamentadas e diversificadas. Além disso, os estudantes são motivados pelo aumento de atividades pessoais e em iniciativas extracurriculares.

Nesse sentido, segundo Silva e Soares (2001), a orientação deve ter o objetivo de despertar o interesse do jovem para identificar suas próprias características, apresentando suas futuras carreiras, descobrindo as vocações, desenvolvendo seu lado pessoal, proporcionando um amadurecimento da sua personalidade, tendo uma concepção subjetiva, questionando histórias pessoais, atitudes e crenças adquiridas. Continuando, enfatizam que os projetos pedagógicos que envolvem a orientação profissional buscam cada vez mais o auto conhecimento e as relações sociais e profissionais, certificando o jovem de que, hoje, há interdependência entre o lado profissional e o pessoal.

Para as mesmas autoras, a O. P. é um recurso que deve ser disponibilizado aos estudantes no ensino fundamental, visto que a maioria deles chega ao ensino médio desconhecendo os métodos aplicados para análise de seu perfil vocacional. A orientação, no entanto deve promover atividades para o desenvolvimento pessoal, o autoconhecimento e o resgate de valores que são fundamentais na formação do ser humano.

Para Nery (s/d), o atendimento em O. P. apresenta uma série de aspectos, como influências familiares e exigências do mercado de trabalho, exigindo do profissional dedicado a esta atividade que incorpore uma análise dos componentes de sua identidade profissional como instrumento de atendimento, para que, além de analisar testes, entender e acessar os componentes da identidade pessoal do adolescente. Para Jenschke (2003), citado em Lassance, Silva, Bargadi, Paradiso (2007), o papel da O. P. deveria ser ampliado para a preparação de estudantes e adultos, para enfrentar a possibilidade real de freqüentes mudanças, o que poderia incluir períodos de desemprego e emprego no setor informal.

Continuando, os mesmos autores enfatizam que, no Brasil, como houve o aumento do número de ofertas de empregos, torna-se necessário uma discussão mais aprofundada que possibilite melhor qualidade na formação de orientador e melhoria nos serviços prestados a toda população. Assim, cabe à ABOP (Associação Brasileira de Orientadores Profis-

sionais) estabelecer diretrizes nacionais de formação do orientador de carreira e prestação de serviços em orientação e aconselhamento de carreira, guardadas as especificidades culturais e do sistema educacional brasileiro, buscando uma maior sistematização nos processos de treinamento e formação.

Tendo isso em vista, os mesmos autores enfatizam que há necessidade de editarem manuais brasileiros que focalizem as teorias de carreira mais conhecidas e utilizadas, juntamente com seus limites e aplicações em diferentes contextos. Para Bastos (s/d), há necessidade de incorporar uma proposta de orientação profissional mais crítica, já que, para a mesma, a escolha profissional é resultado de um processo dialético influenciado por determinantes individuais e sociais, precisando contextualizar este novo cenário, observando-o na realidade dos jovens brasileiros.

Com referência à mesma autora, a abordagem sócio-histórica não utiliza testes, mas, através de um processo de reflexão grupal, utiliza técnicas de dinâmicas de grupo, troca de experiências, pesquisas e visitas às instituições de ensino superior, pretendendo assim que os jovens elaborem os conflitos que experimentam em relação à escolha da profissão, permitindo que suas dificuldades sejam trabalhadas. Visa trabalhar também os aspectos internos e externos envolvidos na escolha, considerando uma sociedade em constante transformação, em que as profissões mudam de características e surgem constantemente novas especializações. Assim a abordagem sócio-histórica propicia ao educador realizar uma reflexão acerca dos determinantes pessoais e sociais das opções profissionais, a fim de que este possa colaborar na inserção crítica e consciente de seu aluno no curso universitário e no mundo do trabalho.

Finalizando, a autora enfatiza que o orientador profissional, comprometido com os ideais de uma sociedade verdadeiramente justa e igualitária, não pode perder de vista essas determinações, que muitas vezes limitam de tal modo o grau de liberdade do indivíduo, que as suas reais possibilidades de escolha se tornam quase nulas. Portanto, conhecer o mundo de trabalho, a realidade social, política e econômica em que os orientandos estão inseridos e compreender que a escolha profissional possui graus de liberdade e que, portanto, não é o indivíduo o único responsável por sua trajetória, é extremamente necessário, para que o orientador profissional construa sua prática com um sentido de reflexão e conscientização a respeito dos determinantes das inserções ocupacionais de seus orientandos.

OBJETIVOS

A referida pesquisa teve como objetivo analisar os efeitos da Orientação Profissional vivenciados pelos alunos do ensino médio e/ou pré-vestibulandos, buscando conhecer os fatores (ocultos) que eles consideraram para fazer orientação e também aqueles que os dificultaram na escolha da profissão. Analisaram-se também as contribuições percebidas por estes alunos e verificou-se como eles encontravam-se ao término da Orientação Profissional.

METODOLOGIA

Participaram da pesquisa vinte alunos do terceiro ano do ensino médio ou pré-vestibulandos, que haviam concluído, no ano anterior à pesquisa, o projeto de extensão da Universidade Paranaense/Unipar intitulado "Orientação Vocacional Profissional". O recurso para o contato com os participantes para constituir a amostra foi o telefone. A população alvo do projeto de extensão foram alunos das escolas da rede pública ou privada da cidade de Umuarama e região. A amostra foi constituída de voluntários de quaisquer redes de ensino, com idades variando de dezesseis a vinte anos de idade.

Utilizou-se, como instrumento para coleta de dados, entrevista semi-dirigida, contendo quatro perguntas sobre os motivos que levaram a procurar a Orientação Profissional, bem como as contribuições desta. Após a emissão do parecer do Comitê de Ética da Universidade Paranaense, autorizando a realização da pesquisa, foi feito o contato pessoal com os participantes da pesquisa para expor os seus objetivos, bem como apresentar o termo de Consentimento. Em seguida, realizou-se a entrevista piloto, com o objetivo de validar o instrumento a ser utilizado. As entrevistas foram realizadas em sala reservada na Unipar, com duração média de 60 a 90 minutos, gravadas com autorização dos participantes.

Após a realização das entrevistas, estas foram transcritas e analisadas seguindo os pressupostos teóricos e metodológicos da Análise de Conteúdo de Bardin (1998). Para esta autora, a análise se dá por categorias.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Quanto aos motivos e influências que levam à O. P., o momento que a antecede é considerado um momento em que o jovem se defronta com muitos sentimentos confusos. Levenfus (2002) acrescenta que, dentro da consolidação da identidade, uma das últimas tarefas da adolescência, surgem diver-

sos conflitos de motivações, medos, flutuações de interesses, polivalência de aptidões e até desajustes psicológicos juntamente com sentimentos como angústia, dúvidas, indecisão e insegurança, sugerindo a orientação vocacional profissional.

Dessa forma, frente ao processo de pesquisa, levantaram-se os seguintes motivos e influências que levaram o jovem à procura da O. P.: dúvida, pressão, medo de escolher, a angústia, influência familiar e de pares e necessidade de decisão ao término do Ensino Médio.

De acordo com Levisky (1995) apud Levenfus (2002), a dúvida é inerente ao ser humano e, durante as primeiras fases do desenvolvimento, a capacidade de discriminação é mínima ou inexistente. Com o desenvolvimento evolui-se para um estado de percepção afetiva, de natureza confusional, atingindo a capacidade de discriminação.

Segundo Lucchiari (1993), o momento de escolher uma profissão geralmente coincide com a fase do desenvolvimento em que o jovem está se descobrindo novamente. Está definindo sua identidade: quem quer ser quem não quer ser. É na adolescência que começam a aparecer os primeiros confrontos com a família. As expectativas e desejos desta vão aparecendo mais claramente e o jovem fica confuso, não conseguindo diferenciá-los dos seus próprios.

Como disse a autora acima, além de os jovens terem que escolher uma profissão, é uma fase da vida quando passam por muitas mudanças, ficando mais difícil escolher uma profissão. Nesse momento os jovens procuram a O. P., com várias dúvidas, como se verifica na fala de uma das entrevistadas: "*Não sabia o que queria fazer, estava muito indecisa, com dúvida*". Outra entrevistada afirma: "*Eu tava em dúvida em muitos cursos, cada dia eu queria um. Eu queria direito, queria administração, ciências contábeis, estética. Daí eu ficava assim desesperada. Eu tava indecisa... Não, não bem indecisão... É eu tava indecisa porque ao mesmo tempo que eu queria eu não queria*".

Araújo (2006) diz que muitas dúvidas podem surgir nesse momento de tomada de decisão, inclusive na própria capacidade de escolha adequada. Por isso, é fundamental conhecer e desenvolver as habilidades e aptidões para atender aos próprios interesses e estar atualizado diante da demanda profissional e das frequentes mudanças no mercado de trabalho. A escolha é séria e merece a devida atenção. É necessário ter flexibilidade, paciência e tranquilidade ao articular seu conhecimento e experiências para se adaptar a uma nova realidade. Para a autora, a orientação vocacional é um atendimento psicológico voltado para a informação que envolve a escolha

profissional. É um processo de autoconhecimento, de habilidades, capacidades e potencialidades internas. Durante o processo, há um trabalho de percepção de si próprio e do outro, da realidade interna e externa para melhor amadurecimento da possibilidade de escolha. É indicado para adolescentes e também para adultos que estejam em conflitos com sua escolha profissional, podendo ou não estar relacionado com as constantes modificações do mercado de trabalho.

Torna-se muito claro e fácil de identificar o sentimento de dúvida na fala dos entrevistados, como, por exemplo: *[...] porque eu tinha muita dúvida assim em definir né? não sabia, tinha pensado em várias coisas mas nada, nada decidido assim, aí eu falei assim, bom então vou lá pra mim poder decidir*. Em outra fala, da mesma entrevistada tem-se: *“ah, porque eu não sabia o que eu queria fazer né? falei assim, ah to fazendo pra dizer que aparece alguma luz aí né?”*.

A indecisão vocacional não deve ser entendida como algo extremamente “rotulador” para o sujeito, mas antes como uma fase ou etapa normativa do desenvolvimento vocacional. É inegável que muitos clientes, das escolas do ensino médio, procuram os serviços de psicologia e orientação porque querem ajuda para realizar uma escolha escolar e/ou profissional. Estes sujeitos geralmente experienciam incerteza, dúvida, hesitação, perplexidade e vacilação, podendo-se inferir que eles têm um problema de (in)decisão. O que se passa, em muitos casos, é que estes indivíduos propuseram-se atingir um determinado objetivo e sentem-se incapazes de atingi-lo pelos seus próprios meios, ou então já fizeram uma escolha, mas estão inseguros e pedem uma validação externa acerca da sua decisão (CRITES APUD CARMO E COSTA, 2005).

Quando os sujeitos procuram orientação, são raros os momentos em que verbalizam estarem decididos quanto à escolha. De acordo com Levenfus (2002), ao buscarem a Orientação Vocacional os jovens declaram-se indecisos. Propõe-se então a pensar na questão da verbalização da certeza quanto à escolha, pois podem significar que os jovens ainda não consolidaram a escolha, mas fazem o movimento de assumirem determinados papéis, no sentido de reafirmar determinadas escolhas, para sair do estado de ambivalência. É muito comum a evidência do sentimento de angústia frente à indecisão, ao pensarem que são os únicos indecisos.

Frente ao sentimento de angústia, a fala de uma das entrevistadas, ilustra isso: *“Eu tava em dúvida entre algumas profissões, daí eu fui ver como era”*.. Sendo assim, Silva e Soares (2001), afirmam que o sentimento de angústia de não saber o que

fazer é algo comum aos jovens que procuram a O.P. Segundo os autores, a angústia e a insegurança podem se configurar em uma espécie de medo, que impossibilita o jovem de responder questões simples, como as de aptidões. Segundo Levenfus (2002), diante de permanentes mudanças em processo na vida social e no mundo profissional, que abrange as necessidades e os valores, vem se tornando cada vez mais difícil fazer uma escolha, principalmente para os adolescentes, que não se sentem preparados, e isso tem gerado muitas angústias, pois estar bem colocado no mercado de trabalho, escolher uma profissão com garantias de estabilidade e futuro promissor, tem sido prioridade dentro da sociedade na qual estamos inseridos, como pode ser verificado na fala de uma das entrevistadas: *“[...] tenho que pensar em alguma coisa que me faça ganhar dinheiro e que me faça, tipo assim, feliz profissionalmente”*.

Outro aspecto identificado foi a pressão vivenciada pelo jovem. Levenfus (2002) relata que existem dois tipos de pressão (uma interna e outra externa), que contribuem para dificuldade de tomada de decisão de mudança, uma vez que a escolha fora estabelecida. Segundo a autora, o jovem sofre com pressões que vêm de todos os lados e também com sua competência posta à prova por todo instante e, ao mesmo tempo, busca a consolidação da sua identidade profissional para conquistar sua autonomia. Um exemplo de pressão interna pode ser identificado na fala de um entrevistado: *“a gente passa por uma barra assim, porque você tá no terceiro, tipo tá pensando, ah porque vai sair do terceiro já tem que entrar na faculdade sabe [...] o terceiro é mais uma barra, aquela coisa tipo, um fala de sofrer, a eu falava assim, a gente nem é tudo isso, mas quando você tá na pele, você vê o que é”*. Como exemplo de pressão externa apresenta-se a seguinte fala da entrevistada: *“aí vem aquela pressão né, na sua cabeça, é pai, é amigo, é tudo né, aí é aquela pressão, aí é mais por isso ainda né que eu fiz orientação vocacional”*.

No que tange ao medo de escolha, Levenfus (1997) apud Levenfus (2002), cita que os jovens costumam descrever seus sentimentos como se só existisse uma profissão para cada pessoa e temem não encontrarem essa uma, única, que lhe confere. Sendo assim, encontram-se apavorados frente à possibilidade de escolher errado. Como exemplo da vivência da dúvida, pressão e medo de escolha, a fala de uma das entrevistadas ilustra: *“Eu tava me sentindo bem perdida, com um monte de gente falando um monte de coisa... então isso foi me deixando em dúvida e com bastante medo de decidir e decidir pelo errado”*.

Sendo assim, o medo da escolha apresenta-

se como outro motivo que leva os jovens a procurarem a O. P., mais especificamente, o medo de escolher errado, observado nas seguintes afirmações de dois entrevistados: *“Ah. Eu estava com várias dúvidas e com medo de fazer a escolha errada”* e *“As minhas dúvidas, o medo de fazer a escolha errada, a insegurança.”*

Há uma grande tendência, nos jovens, de exaltarem uma profissão e imaginarem a profissão perfeita, ideal, que responderá a todas as suas aspirações e sobre a qual poderão projetar seus sonhos (SOARES-LUCCHIARI, 1997, apud LEVENFUS, 2002). Em um exemplo muito simples, observa-se na fala de um entrevistado a representação do medo manifestado, *“eu fiquei com medo de assim, de eu às vezes fazer e depois começar a fazer o curso e odiar, né”*. Outro entrevistado manifesta o medo da seguinte forma em sua fala: *“que, tipo, a gente pensa que é pro resto da vida, mas pensa você está com quatorze, quinze anos, é muito novo né”*.

Outro fator identificado foi a influência de familiares e de pares. Segundo Pereira e Garcia (2007), os adolescentes procuram a opinião de pessoas próximas sobre que decisões devem tomar sobre sua carreira. Os amigos desempenham um importante papel na vida do adolescente, seja como fonte de apoio social e emocional ou para a manutenção da saúde física e mental.

Frente a isso, para Santos (2005), a adolescência é uma fase do ciclo de vida constituída por transições que repercutem sobre o jovem e sua família, quando a busca pela escolha profissional se torna uma das transições mais marcantes. Dessa forma, a autora afirma que a “necessidade” (grifo da autora) da escolha não afeta somente o jovem, mas, também, de forma direta ou indireta, o grupo familiar, pois há pais que buscam se realizar por meio dos filhos e outros que sofrem com o desgaste vivenciado pelo filho em sua dificuldade de escolha (BOHOLASVSKY, 1987 apud SANTOS, 2005). A influência parental pode ser verificada na seguinte frase de uma das entrevistadas: *“Ela (a mãe) no começo me sugeria Administração, depois ela falou assim, faz o que você quiser. Daí meu pai, meu pai falava pra mim fazer Direito, daí depois de Direito queria que eu fizesse pra ser polícia”*.

O grau de expectativa da família relaciona-se com a sua capacidade de dar apoio ao adolescente. No entanto, o adolescente não baseia tal decisão apenas nos familiares, pois, também recebe influência de pares, ou seja, outras pessoas significativas na sua vida. Santos (1995) afirma que, mesmo após terem escolhido uma profissão, os adolescentes encontram-se vulneráveis à influência de terceiros. A

própria busca por um programa de orientação pode representar uma tentativa de encontrar um terceiro para lhe mostrar o que fazer.

Lucchiari (1993) ressalta que o momento de escolher uma profissão geralmente coincide com a fase de desenvolvimento, quando o jovem está se descobrindo, para se conhecer melhor, e definindo sua identidade, mas ainda não tem maturidade suficiente para fazer uma escolha com segurança e é diante disso que surgem inúmeras influências que o direcionam a procurar pela O. P. Dentre essas influências podem ser o grupo de convívio como os amigos. Como exemplo, apresenta-se a seguinte fala de um dos entrevistados: *“Quer mesmo saber? acho que foi porque minhas amigas foram e então eu também resolvi ir para ver como era... mas eu tinha um pouco de medo de escolher a área errada”*.

De acordo com Moura (2001), quando quem decide é um adolescente, essa escolha gera mais conflitos, em função não apenas das dificuldades próprias desta fase, mas também pelas implicações que a decisão presente pode acarretar no futuro. Para a mesma autora, olhando por esta perspectiva, ninguém está preparado para este momento. Os pais muitas vezes não sabem como ajudar seus filhos. Alguns fazem imposições, outros deixam o adolescente “livre”. Verifica-se o motivo analisado através da fala de um dos entrevistados: *“Meus pais sempre me falaram assim: faz o que você quer, independente do salário que a profissão te dá”* *“Meu pai: ah filho, faz Farmácia, é pertinho, tem aqui em Umuarama e eu fiquei bem confuso porque eu queria agradar meu pai e não queria fazer uma coisa que depois eu viesse me arrepender”*.

Para Colognese (2000), a dependência familiar, ou melhor, a dependência do ideal familiar faz parte do imaginário do adolescente. Escolher supõe reconhecer-se, discriminando seus pais e familiares com uma identidade que nunca está assegurada definitivamente, pois pode ser sempre questionada. *“Meu pai sempre me entusiasmava bastante para que eu fizesse farmácia, e talvez montar futuramente sua própria farmácia pra gente trabalha junto só que realmente não era a minha área”*, relata um entrevistado.

Por fim, tem-se a necessidade de decisão ao término do Ensino Médio, que se apresenta como um dos motivos ou influência para busca da O. P. Tanto a família quanto a sociedade esperam que o jovem escolha sua carreira profissional ao término do 3º ano do Ensino Médio, para que preste Vestibular, pois este é o momento de ingresso em uma universidade ou faculdade e no mercado de trabalho, evidenciando a necessidade de escolha de um curso superior

ou de uma profissão (SANTOS, 1995). A seguinte fala ilustra este isto: *“Tô acabando o terceirão e não sei o que fazer”*.

Com a orientação escolar e profissional pretende-se, igualmente, orientar e capacitar o educando no conhecimento e exploração das suas aptidões, interesses, atitudes, motivações e aspirações; dar a conhecer a realidade sobre as oportunidades do mundo do trabalho, bem como conscientizar os alunos acerca das aptidões e habilidades necessárias requeridas para o exercício das diversas profissões e, ainda, orientar o aluno para a escolha vocacional que melhor lhe ajuste (NÉRICI apud CARMO e COSTA, 2005).

Quanto às expectativas da O. P. e de acordo com Azevedo (apud CARMO e COSTA, 2005), na transição para o ensino médio a opção vocacional reveste-se de dois tipos de expectativas: escolares e profissionais. As expectativas escolares incluem a preferência quanto à via ou área de estudos e percurso acadêmico, enquanto que as profissionais são avaliadas através de dimensões, tais como: profissão desejada e sua articulação com as escolhas escolares; razão de preferência profissional e qualidade da informação sobre esta profissão; a percepção das oportunidades profissionais e das características profissionais valorizadas pelos empregadores. Em relação às expectativas para com a O. P., um entrevistado afirma que *“Correspondeu às minhas expectativas, apesar de eu já saber o que eu queria fazer mesmo, mas eu acho que se a pessoa tiver mesmo indecisa se ela fizer a O. P. ela vai saber sim o que ela quer fazer”*.

Bohoslavsky (1998) defende que um jovem que busca a orientação vocacional demonstra estar preocupado com sua pessoa, em relação a seu futuro, recorre a um orientador, buscando ajuda, o que indica que, nesse vínculo com o futuro, está comprometendo outro. Em relação à procura de tal orientação, outro entrevistado diz *“Procurei a O. P. para escolher minha futura profissão”*.

As expectativas dos adolescentes frente à O.P. configuram-se na busca de informações sobre as profissões e o esclarecimento de dúvidas sobre as mesmas. Levenfus, Soares e cols. (2002 apud JORDAAN, 1963), afirmam que a informação que o adolescente obtém ou procura é influenciada pela sua autopercepção e pela percepção que tem do ambiente. Sendo assim, não é raro os jovens alegarem total desconhecimento da profissão pela qual estão interessados, pois além de alguns apresentarem idéias distorcidas, outros inibem a demonstração de seus pensamentos, com medo de errar. De acordo com Levenfus, Soares e cols. (2002 apud ZELAM,

1993) e Levenfus (1997c), entrar em contato com as informações do mundo profissional é algo difícil para o adolescente, às vezes pela falta de disponibilidade destas informações, outras vezes pelo contato com o novo, com o desconhecido, com o mundo adulto, que esta condição implica. Corroborando a idéia dos autores supracitados, tem-se que, em processo de escolha profissional, os jovens comumente relacionam as seguintes formas de abordar a questão da informação: a busca (procura por informação), quando tem informação (está a par de suas aptidões), quando conhece pouco (não possui informações suficientes), quando quer mais (procura complementar suas informações), quando não conhece (não possui informação), pelo professor (comentário do professor) e de forma superficial (referências generalizadas). Em relação à necessidade de obtenção de informações, algumas falas ilustram bem isso: *“[...] conhecer mais o trabalho dos profissionais, o que eles faziam, pra ver se era aquilo que eu imaginava mesmo ou se era bem diferente”* e *“A gente vem fazer o projeto para se conhecer, saber mais o que a gente gosta e o que não gosta, nossas habilidades; não adianta vir aqui e eles darem uma resposta pronta, sobre aquilo que eu tenho que fazer”*.

Para Colognese (2000), o jovem é livre para fazer sua escolha e a O. P. não restringe a um conjunto de técnicas, mas é um processo no qual orientando e orientador percorrem um trajeto para possibilitar a criação de um projeto pessoal para o futuro, muitas vezes dificultado pelo deslocamento dos ideais infantis. O objetivo de uma O.P. é proporcionar que os jovens sejam capazes de julgar e fazer suas próprias opções, facilitadas pelo autoconhecimento, que tome uma decisão mais autônoma, realista e comprometida com o futuro. As expectativas da orientação giravam em torno de respostas prontas, como trouxe um dos entrevistados *“Eu achava que lá ia ter tipo um formulário que a gente ia seguir e no final ia dar a profissão que eu ia seguir”*.

É preciso pensar também no objetivo da orientação profissional/vocacional. Diferentemente do que é frequentemente divulgado e do que pensa a maioria, esse objetivo não consiste numa escolha de curso/profissão ao final do processo. Essa é uma concepção que tem muito a ver com uma metodologia clássica da Orientação Profissional. Muitos adolescentes procuram a O.P. achando que vão sair com a resposta pronta, que os coordenadores do processo vão falar que ele serve para tal profissão. Confirma-se isso com a seguinte fala: *“No começo eu pensava que a orientação iria me dizer qual era o curso que eu tinha que fazer, mas depois percebi que ela está ali para dar informações e tirar minhas dúvidas.”*

Segundo Levenfus (2002), a visão mais comum de O. P. no contexto brasileiro, é o de ajuda na escolha de uma profissão ou carreira, com vistas à satisfação individual, procurando conciliar os desejos pessoais com a realidade do mundo do trabalho. O enfoque principal é centrado no indivíduo que escolhe. Segue a fala do entrevistado: *“A orientação vocacional eu procurei porque, eu pensei assim, que ia ser mais assim só eu e a pessoa pra falar. E a pessoa ia fazer assim, fazer perguntas pra mim que ela tipo, ia descobrir um perfil meu e passa pro curso. Eu esperava que quando eu chegasse aqui, e você pensa assim vai ter toda resposta né, daí eu cheguei aqui, mas daí eu pensei assim que ia ser tipo eu e você ta conversando agora, e você ia passar tipo alguns exercícios pra mim que me fizesse conhecer, me conhecer... Tipo teste assim, mas uma conversa que você me ajudaria. Eu pensei que ia ser mais ou menos assim, que eu ia fazer teste pra descobrir a minha personalidade, ou alguma coisa assim, que tipo que eu tinha mais e você falaria assim, você ou outra pessoa falaria como e no que eu devo seguir... Eu acho que deveria fazer, falar mais com a pessoa em particular assim sabe, sobre como que ta aqui, porque ele ta aqui pra conversar com alguém não pra tipo, no meio de todo mundo. Porque todo mundo tem vergonha de falar o que sente né. Aí eu acho que assim, tinha que ser mais individual”*.

Para Levenfus (2002) a informação é um dos principais temas de uma escolha profissional, pois é influenciada pela percepção que se tem de si e do ambiente, pois geralmente, o sujeito inicia o processo confiando que a orientação trará uma resposta pronta para suas dúvidas, ocasionando uma ansiedade frente ao início deste; sendo que se faz necessário enquadrar o sujeito, mostrando-lhe que a orientação vocacional profissional não visa resultados prontos, mas um autoconhecimento para eventual decisão consciente. Mello (2002) considera que, para o jovem, antes de “o que quero ser” vocacional e profissionalmente, é essencial saber “quem sou eu”, pessoalmente, mesmo porque, para responder adequadamente ao “o que quero eu ser”, ou ao “o que posso eu ser”, é imperioso saber quem e como é esse eu, então ao se incluir na orientação desmistifica-se a visão de resultados instantâneos. Um entrevistado finaliza esse pensamento com a seguinte fala, *“Eu imaginava alguma coisa a mais... Quando cheguei lá fiquei um pouco decepcionado... Talvez pelo fato de eu ter ido com uma idéia formada... Que me daria uma resposta rápida para o que realmente eu queria realmente saber”*.

Quanto às contribuições da O. P. e segundo Bock e Aguiar (apud JOSEMBERG 2001) o momento

da escolha de uma profissão é acompanhado de estereótipos, preconceitos e conflitos. E a O. P. facilita este momento proporcionando auto-conhecimento. Os mesmos autores dizem que a O. P. permite ao jovem entrar em contato consigo mesmo; conhecer suas habilidades, características e aptidões. Isso pode ser ilustrado na fala de um dos entrevistados *“A O. P. auxiliou-me na confusão, a ter mais clareza sobre os cursos”*. Levenfus (2002) também diz que a O. P. visa ao momento da escolha, questionando o indivíduo, como este percebe sua história de vida, habilidades e aptidões profissionais, permitindo construir a identidade profissional. Assim, o jovem pode refletir sobre sua escolha, ou seja, pode fazer uma escolha consciente, livre de fantasias.

A Orientação Vocacional coloca a descoberta possíveis problemáticas do sujeito, bem como disposições psicopatológicas, pois condensa toda a história prévia dessa pessoa e, ao mesmo tempo, antecipa seu futuro (MÜLLER, 1988 apud JOSEMBERG e cols. 2001). De acordo com Levenfus (2002) Orientação Profissional trabalha com os fatores que envolvem a escolha de uma profissão, caracterizando os atendimentos como profiláticos em saúde mental.

Segundo Soares (2002), a escolha de uma profissão faz parte de todo um processo de crescimento e reflexão pessoal, bem como do conhecimento das profissões e de uma atividade profissional que se insere no social. Isso pode ser ilustrado na fala de um entrevistado: *“A O.P. o ajudou a entender o momento da escolha do curso universitário”*. Para Josemberg e Cols. (2001) a O. P. é um facilitador para o momento da escolha profissional, contribuindo para o jovem construir sua identidade profissional e pessoal. Tornando-se cidadão, auxilia no projeto de vida de forma mais responsável e consciente.

Moura (2001) diz que, para o jovem, decidir torna-se difícil, pois existe uma gama enorme de profissões. A fala de um dos entrevistados pode confirmar o que a autora diz: *“A variedade dos cursos me deixou confuso. Após a Orientação Profissional achei que estava decidido, porém continuei indeciso, escolhi o curso e não gostei.”* Segundo Levenfus (2002), muitas vezes a decisão pode denotar que ainda não concretizaram a escolha. As decisões acompanhadas de dúvidas podem ser tentativas de sair do estado de ambivalência.

Segundo Bohoslavsky, (apud NERY s/d), a escolha de uma profissão representa renúncia a qualquer outra. Essa renúncia possibilita descobertas pessoais que, simultaneamente, são reveladas, nas negociações e afirmações de algo, inserindo-se na crise da adolescência, pois, de um lado, a renúncia significa perda, luto, e, por outro lado, a escolha

pode revelar descoberta de interesses e identificação de papéis.

Segundo Silva; Treichel (2006), a orientação deve ter o objetivo de despertar o interesse do jovem para identificar suas próprias características, apresentando suas futuras carreiras, descobrindo as vocações, desenvolvendo seu lado pessoal, proporcionando um amadurecimento da sua personalidade, tendo uma concepção subjetiva, questionando história pessoais, atitudes e crenças adquiridas, como se apresenta a fala de um dos entrevistados *“A Orientação Profissional ajudou a me conhecer, o que eu gosto e o que eu não gosto, assim ajudou a diminuir as dúvidas em relação à escolha profissional, por informar mais sobre as mesmas”*.

Segundo Colognese (2000), uma escolha nunca é casual, mas multi e sobredeterminada por inúmeros fatores e contingências, na verdade, a liberdade de escolha é relativa, o orientador profissional pode ajudar de fato o adolescente a escolher e tomar uma decisão, dando, de certa forma, maiores garantias, satisfação e sucesso para a sua escolha. Para a mesma autora, se a escolha estiver pautada nos sentimentos verdadeiros do adolescente, poderá ser mais consistente, fazendo com que ele não se decepcione facilmente com as flutuações da sociedade.

Para Bulamaqui (2003), no processo de orientação profissional emerge o aspecto da consciência da realidade externa, ou seja, consciência do contexto social, político, ou econômico. Também emerge a questão da consciência de si mesmo, ou seja, valores, gostos, interesses, competências e dificuldades pessoais. O que pode haver é uma orientação que leve, ao menos, a uma situação de clareza acerca dos aspectos que estão envolvidos no momento da escolha profissional; portanto, maior consciência. Para haver clareza é necessário que o indivíduo vivencie uma experiência, ou seja, que vivencie um processo que pode durar mais ou menos tempo, de acordo com cada um. A fala do entrevistado ilustra esta afirmativa: *“No projeto de Orientação Profissional a gente vai se conhecendo, a partir do momento que você sabe o que gosta e o que não gosta suas habilidades vai clareando você vai se conhecendo”*.

Para Levenfus (2002), a informação profissional é um dos principais temas de uma escolha profissional, pois é influenciada pela percepção que o orientando tem de si e do ambiente, que se, encaixa nas influências que, se forem conscientes, podem ser construtivas e se agregarem aos desejos e valores do adolescente, bem como ao seu autoconceito isto é, a forma como este vê seus atributos e características e a satisfação por realizar determinada ocupação.

De acordo com Moura (2001), conhecer a si mesmo é essencial para escolher uma profissão ou ocupação. Segundo Neiva (apud, MOURA, 2001), saber quem eu sou e como sou é o que me permite escolher o que fazer e como fazer. É através do autoconhecimento que o adolescente pode formular aspirações profissionais realistas e compatíveis com suas características pessoais, interesses, potencialidades e habilidades. Um dos entrevistados fala: *“Me ajudou a conhecer as diversas profissões”*. De acordo com a mesma autora, não se pode escolher uma profissão sem primeiro conhecer as possibilidades ocupacionais existentes. É importante saber quais profissões existem e quais estão acessíveis à realidade do adolescente e que poderiam corresponder às suas expectativas de estudo e de trabalho futuro.

De acordo com BIGGERS (apud MOURA, 2002), é importante que o adolescente disponha de um mínimo de conhecimento sobre as profissões existentes, ou pelo menos que saiba qual é a atividade principal de cada uma delas: *“Pesquisar sobre os cursos ajudou a escolher, com o tempo fui me identificando com a profissão”*.

CONCLUSÃO

Os resultados da pesquisa podem apontar que os indivíduos procuraram a O. P. para auxiliar no momento da decisão de sua futura profissão. Os principais fatores que levam os adolescentes a procurarem auxílio profissional, foram dúvida, indecisão, falta de informação. Desta forma, a O. P. contribuiu no momento da escolha, por ter um caráter preventivo e ajudou o jovem a se conhecer melhor, descobrindo suas habilidades e aptidões para ajudar na escolha de sua profissão. Portanto, pensando psicoprofilaticamente, crê-se que se torna interessante e necessária uma tentativa de reabilitação do jovem na reapropriação de sua escolha, sentindo-se mais capaz de uma escolha configurada pela gestualidade espontânea e transformadora do próprio mundo.

Desta forma, a O. P. constitui-se uma intervenção de caráter preventiva, possibilitando ao adolescente não fazer uma escolha errada, podendo evitar até mesmo evasão universitária.

O processo de orientação vocacional e profissional é entendido como uma ação de caráter psicoprofilático para a promoção da saúde, pois a partir do momento em que o indivíduo se prepara para o momento da escolha profissional, suas possibilidades de optar por algo que realmente lhe interesse e satisfaça pessoal e profissionalmente aumentam consideravelmente. É nesse sentido que se pode falar em prevenção e promoção da saúde, pois uma

escolha madura e responsável implica autoconhecimento (mundo subjetivo) e em conhecimento da realidade ocupacional (mundo objetivo), prevenindo-se futuros conflitos e angústias para com a profissão escolhida.

De acordo com Bohoslavsky (1998), uma escolha madura é aquela que depende da identificação consigo mesmo e que uma escolha bem organizada é uma escolha em que o adolescente coincide seus gostos e capacidades com oportunidades exteriores.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições, 1988.
- BASTOS, J. C. Orientação vocacional / profissional de abordagem sócio-histórica: uma proposta de concretização da orientação para o trabalho sugerida pelos parâmetros curriculares nacionais. **Revista Virtu**, jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.virtu.ufjf.br/artigo%202a2.pdf>>. Acesso: 9 maio 2008.
- COLOGNESE, S. C. O adolescente e a escolha profissional. **Interações: Estudos e Pesquisa em Psicologia**, São Paulo, n. 5, v. 9, p. 111-125, 2000.
- ANDRADE, J. M. de; MEIRA, G. R. J. M.; VASCONCELOS, Z. B. O processo de orientação vocacional frente ao século XXI: perspectivas e desafios. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 22, n. 3, p. 46-53, 2001. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000300008&lng=pt&nrm=>. Acesso em: 23 abr. 2008.
- LASSANCE, M. C. P. et al. Competências do orientador profissional: uma proposta brasileira com vistas à formação e certificação. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 8, n. 1, jun. 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/rbop/v8n1/v8n1a08.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2008.
- LEVENFUS, R. S. **Orientação vocacional ocupacional**: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- LUCCHIARI, D. H. P. S. **Pensando e vivendo a orientação profissional**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1993.
- MOURA, C. B. **Orientação profissional sob um enfoque da análise do comportamento**. Londrina: UEL, 2001.
- NERY, V. O estágio em orientação vocacional: revisitando a escolha profissional. In: CONGRESSO DE PSICOLOGIA CLÍNICA, 1., São Paulo. **Anais...** São Paulo: UNIBAN.
- PEREIRA, F. N.; GARCIA, A. Amizade e escolha profissional: influência ou cooperação? **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 71-86, 2007. Disponível em: <http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?pid=S1679-33902007000100007&script=sci_arttext>. Acesso em: 5 abr. 2008.
- SANTOS, L. M. M. O papel da família e dos pares na escolha profissional. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 57-66, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n1/v10n1a07.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2008.
- SILVA, A. L. C.; SOARES, D. H. P. A orientação profissional como rito preliminar de passagem: sua importância clínica. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 6, n. 2, p. 115-121, jul./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v6n2/v6n2a16.pdf>>. Acesso em: 2 maio 2008.
- SILVA, J.; TREICHEL, A. Orientação vocacional: interferência da escola na escolha profissional. **Revista de Divulgação Técnico-Científica do Instituto Catarinense de Pós-Graduação - ICPG**, Santa Catarina, v. 3, n. 9, jul./dez. 2006.
- SPARTA, M. O desenvolvimento da orientação profissional no Brasil. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 4, n. 2, p. 1-11, 2003.
- Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/rbop/v4n1-2/v4n1-2a02.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2008.
- VASCONCELOS, Z. B. de; OLIVEIRA, I. D. (Orgs.). **Orientação vocacional**: alguns aspectos teóricos, técnicos e práticos. São Paulo: Vetor; 2004.